

Indisciplina e currículo escolar: fragmentos de uma cultura

Anderléia Sotoriva Damke*
Lígia Wilhelms Eras**
Ingrid Simon***

Resumo

O presente trabalho apresenta reflexões sobre indisciplina, currículo e cultura escolar e suas possíveis relações. Exploramos a ideia de indisciplina como negação por parte dos alunos às orientações escolares, sinalizando resistências a um currículo que não atende a suas necessidades. O texto analisa teoricamente algumas questões vivenciadas no espaço escolar como as práticas que reproduzem culturalmente certos interesses e, assim, fragmentam determinados conhecimentos e valores culturais, desencadeando, nesse caso, expressões de indisciplina. Em seguida, haverá uma abordagem acerca da cultura escolar como uma organização que expressa uma cultura própria nos modos de interpretar os acontecimentos que surgem e em que o currículo é parte dessa cultura. Ao final instigamos um repensar sobre uma proposta curricular que atenda às expectativas da escola em consenso com as dos alunos, expectativas que devem estar apoiadas em bases democráticas e que atendam às necessidades de todos os envolvidos nesse processo.

Palavras-chave: Educação; indisciplina; currículo escolar; cultura.

Indiscipline e curriculum school: fragments of a culture

Abstract

The present article study about indiscipline, curriculum school and culture. Explore the indiscipline conception as negation on the schools rules and signaling resistance to the surpassed curriculum. The text analyzes theoretically some situations lived in the school that reproduce culturally certain interest thus break down certain knowledge and cultural values, in this case, producing expressions of indiscipline. In the next, examine the school culture as an organization that express a significant culture in the ways to interpret the events that appear where the curriculum is part of this culture. To the end we instigate one to rethink on a proposal curriculum that takes care of to the expectations of the school in consensus with the ones of the pupils, which must be supported in democratic bases, that the pertaining to school community takes care of to the necessities of all.

Keywords: Education; indiscipline; curriculum school; culture.

Introdução

Algumas situações do cotidiano escolar nos fazem repensar sobre o que está ocorrendo nesse ambiente, já que há reclamações por parte dos professores, que sentem dificuldades em trabalhar os conteúdos devido às expressões de indisciplina dos alunos, que, por sua vez, sentem dificuldade nesse processo por sentirem que os conteúdos não fazem parte da sua realidade. Dentre as várias questões que dificultam o andamento das atividades escolares, o presente trabalho abordará a relação entre indisciplina, currículo e cultura escolar. É importante mencionar que os professores não só vivenciam dificuldades em desenvolver atividades curriculares sem o uso do autoritarismo, como também, se alguma aprendizagem conseguem propiciar aos alunos, trata-se de aprendizagem pouco significativa de descobertas no cotidiano escolar.

Entendemos, como pressuposto, que o currículo trabalhado tradicionalmente legitima

conhecimentos que atendem a determinados interesses e valores de um grupo social minoritário em detrimento de outros grupos, considerados maiorias, assim garantindo a reprodução social do sistema econômico vigente. No decorrer desse processo, a reprodução social desenvolvida nas relações escolares procura valorizar as experiências culturais do grupo social hegemônico em detrimento das experiências dos alunos, estes, em sua maioria, pertencentes aos grupos sociais desfavorecidos socialmente. Assim, os professores acabam se deparando com manifestações de resistências, manifestações que se configuram como uma das principais causas da indisciplina escolar que, nesse caso, é legitimada pela instituição que determina as normas a serem seguidas.

O texto a seguir explora a conceituação de indisciplina em relação a currículo escolar e tem o objetivo de compreender a relação entre as expressões de indisciplina e as características desse currículo escolar. No item seguinte analisamos as

*Endereço eletrônico: sotodamke@yahoo.com.br.

**Endereço eletrônico: ligiaeweras@hotmail.com.

***Endereço eletrônico: ingrid@fadedp.br.

relações existentes entre as expressões de indisciplina e o currículo trabalhado. No decorrer do texto, analisamos as expressões já citadas e relacionamos a cultura escolar que agrega um currículo estático como conhecimento, o que contribui na manifestação da indisciplina como forma de resistência às expectativas não correspondidas.

E, ao final, organizamos a construção de argumentos que indicam a importância da organização curricular, não como um instrumento de regulação, mas como um instrumento que atenda às necessidades de todos os envolvidos, por exemplo, para uma aprendizagem significativa. O texto sinaliza um repensar sobre as expressões de indisciplina não somente como um problema, mas como algo que auxilie a discussão referente às dificuldades encontradas com o currículo trabalhado no cotidiano escolar.

Indisciplina e currículo: algumas definições

No cotidiano das relações escolares, a indisciplina é definida pela sua negação, provação, ou pela desordem proveniente da quebra das regras estabelecidas, sendo que a disciplina ou a indisciplina dependem do contexto sócio-histórico onde ocorre (Estrela, 1992). Nesse caso, dentre os fatores que contribuem para a indisciplina escolar está a negação das orientações escolares por parte dos alunos, comportamento que sinaliza resistência a um currículo que não atende a seus anseios e a suas necessidades, cuja intenção é domesticar quem está sob suas ações.

Em meio a tantas definições sobre o que vem a ser currículo, recorreremos à etimologia da palavra. Conforme Silva (2004), o termo *currículo* provém do latim *curriculum*, que significa pista de corrida. Então, por essa significação, se pode dizer que, no percurso dessa corrida que é o currículo, nos tornamos o que somos, ou seja, onde, em grande medida, também se forma nossa identidade. Constatamos, no entanto, que têm vigorado, nas escolas, currículos que reproduzem culturalmente certos interesses e necessidades e que recortam determinados conhecimentos e valores culturais de grupos considerados dominantes e minoritários.

De acordo com Sacristán (2000), grande parte dos problemas vivenciados no cotidiano das escolas e que afeta diretamente o sistema educativo tem relação direta com a problemática da inadequação curricular. Assim, os interesses dos educandos não encontram reflexo na cultura escolar e eles apresentam certa resistência, praticando-a por meio de reações como desmotivação, indisciplina, confronto, recusa, fuga, etc. A literatura aqui pesquisada aponta para um currículo que não é

compreendido como experiências que possa estar em consonância com a construção da identidade da maioria dos alunos.

Quando se discute a ideia de uma cultura escolar e o lugar do currículo, as experiências na escola são elementos que diretamente influenciam a construção da identidade. A identidade é um dos fenômenos mais estudados na atualidade, em que a sociabilidade humana é desafiada no convívio com a diversidade de situações culturais, arranjos institucionais e possibilidades. A identidade é sempre relacional a algo. Seja o outro – aluno, professor, pais –, seja ao próprio ambiente, que também auxilia a compor a noção de si e do outro e pelo conjunto de experiências – onde inclusive o currículo participa desse fator relacional, uma vez que é caminho, opção, contato e visões de mundo que são dadas para que o indivíduo possa ler o seu mundo e a si mesmo.

Vale ressaltar que, quando existe a apresentação de um currículo que não leva o aluno a reconhecer-se, a identidade deixa de ter um caráter relacional e se torna uma dificuldade compô-la. O conflito aparece porque as leituras de mundo – do currículo e das experiências cotidianas de alunos e professores – são um relacional oposto e que, portanto, não se coadunam e levam o indivíduo ao desconforto frente às suas expectativas e às respostas ao que deseja.

De acordo com Tardif (2002), os professores não controlam a seleção dos saberes disciplinares e curriculares transmitidos aos alunos, pois já tais saberes são determinados por meio de programas e de disciplinas que a instituição escolar impõe como modelo a ser seguido. O autor resalta que os saberes curriculares e disciplinares que os professores trabalham não fazem parte da sua prática docente, ou seja, são produtos já determinados pelos grupos sociais reconhecidos como produtores dos saberes sociais.

A situação acima mencionada sinaliza que os saberes transmitidos já seguem um modelo de conteúdo conformado com os interesses dos grupos produtores, o que indica possíveis situações de indisciplina. Assim, ressaltamos a concepção de Garcia (2005, p. 88), que entende que a indisciplina não “entra” na escola ou “aparece” como um evento nesse contexto, mas que é um evento socialmente construído a partir de um conjunto de crenças desenvolvidas nas interações sociais vivenciadas naquele mesmo ambiente escolar. Haveria, pois, uma construção da indisciplina derivada de uma estrutura que condiciona os indivíduos segundo seus padrões uniformes por um longo período de tempo, com o objetivo de reproduzir resultados semelhantes na sua rotina.

Segundo Sacristán (2000), a relação entre professor e alunos está condicionada pelo currículo, relação na qual a prática do professor depende da questão política que faz implantar um currículo de acordo com os seus esquemas de dominação. As atividades desenvolvidas servem para modelar determinados padrões de comportamento, como o bom aluno que não expressa indisciplina. Tal situação ocorre através do controle de normas de condutas direcionadas e legitimadas pelo próprio contexto da instituição, que determina ações e dita as regras a serem seguidas.

Inicialmente, essa concepção de bom aluno, como aluno obediente e cumpridor das atividades, nos remete a uma disciplina entendida como adequação do comportamento do estudante a determinadas exigências do professor, como exemplo, a submissão e a obediência às normas escolares, para que o aluno se torne um receptor de conteúdos. Tal situação é vivenciada nas escolas de forma corriqueira e, assim, qualquer manifestação de algum ato que fuja da submissão é entendida como uma expressão não legítima por parte dos alunos que questionem essa submissão com relação à passividade.

A desvalorização das experiências dos alunos implica desconstruir a identidade de cada um, pois, ao serem deixadas de lado suas experiências culturais, esses mesmos alunos são submetidos ao controle social. Essas práticas podem ser percebidas de várias formas, dentre elas, das carteiras em fileiras, da organização social dos conteúdos ou, ainda, o ritmo com o qual os trabalhos devem ser desenvolvidos. Assim, caso os alunos não sigam as normas da instituição, como ficar sentado e em silêncio, então seu comportamento é considerado indisciplinado, devendo receber punição como precaução à obediência.

Indisciplina e currículo: análise da relação

A indisciplina escolar não compreende somente características exteriores à escola, como problemas de ordem social, condições econômicas ou provenientes de relações familiares, mas é vivenciada em situações que decorrem de um currículo formal que deixa de considerar as experiências culturais dos alunos, refletindo determinadas práticas que contribuem, portanto, para situações que fomentam expressões indisciplinadas. Tal situação demonstra uma relação explícita da indisciplina com o currículo formal e estático representado nesta discussão.

De acordo com Barbosa e Xavier (2002), vivemos numa visão conservadora, em que a estrutura organizacional exerce a função de adaptar as novas gerações à sociedade que aí está,

permitindo-lhes maior ou menor grau de adaptação conforme o esforço de cada um, a aptidão pessoal ou, ainda, de acordo com a origem de classe, realidade organizacional na qual a disciplina é compreendida como sinônimo de silêncio e de obediência para ocorrer aprendizagem.

Sabemos que a indisciplina não é compatível com aprendizagem, porém precisamos repensar sobre qual visão de currículo estamos adotando no cotidiano escolar, onde as normas são impostas aos alunos em vez de serem discutidas, refletindo práticas autoritárias que expressam de certa forma como o currículo é interpretado e, assim, reproduzido pelos professores e pela instituição.

A discussão sobre currículo deve compreender, de acordo com Pedra (1997), que um currículo é impregnado com as marcas da cultura no qual foi produzido. Por isso ele representa muito mais do que somente conteúdos que constituem as disciplinas escolares, pois abriga concepções de vida social e de relações sociais que animam a cultura em que foi produzido. Assim, portanto, o professor se apropria de um conhecimento que não é interpretado na neutralidade. Dessa forma, sua história pessoal, suas crenças e suas representações selecionam o conhecimento que transmite. O autor ainda ressalta que os alunos chegam à escola com suas expectativas e representações do grupo social a que pertencem e que, basicamente, são diferentes do que é proposto pelo currículo.

A ausência de discussões entre professores e alunos sobre as atividades curriculares e as perspectivas de cada aluno implica falta de democracia, pois o aluno não é valorizado. Ao contrário, quando os alunos tentam expressar seus anseios e suas expectativas, eles são considerados desobedientes, ou seja, indisciplinados, por isso devendo ser punidos. Essa situação demonstra uma escola onde não podem existir conflitos e resistências, uma vez que o ambiente escolar parece ser ocupado por estudantes que não causam problemas.

Convém reforçar o entendimento de que o currículo não é um meio neutro de transmissão de conhecimentos. Para Silva (2003), o currículo controla, regula e governa todos os envolvidos no processo. Assim, a regulação acaba sendo legitimada pelo currículo. Na compreensão do autor, o currículo faz parte de uma relação social, pois a produção de conhecimento envolvida no currículo se realiza por meio de uma relação entre pessoas. Dessa forma, não podemos pensar o currículo como uma lista de conteúdos, mas como experiências em seu aspecto político e contextualizado, ou seja, em sua ação percebemos

que o currículo transforma as pessoas e assim é transformado por elas.

De acordo com Apple (1995), a educação está ligada à política da cultura e o currículo não é um conjunto neutro de conhecimentos que surge na sala de aula de um país, pois a tendência é que o currículo faça parte de tradição seletiva, que resulta das preferências de determinados grupos acerca do que sejam conhecimentos legítimos. Os estudos de Apple demonstram a importância da teorização crítica para se compreender o processo de escolarização, cujo conhecimento, impregnado no currículo, manifesta a força que exerce nas relações escolares.

Infelizmente, as práticas exercidas podem expressar representações de um currículo descontextualizado da realidade social do aluno, limitando a sua visão de mundo. Essas práticas acabam fomentando o surgimento da indisciplina, que serve para demonstrar algo errado no processo de ensino-aprendizagem, cujo currículo precisa ser repensado para atender às necessidades dos alunos.

Indisciplina e currículo: fragmentos de uma cultura

A cultura escolar abrange todos os envolvidos no âmbito escolar, bem como todo o funcionamento que ocorre no seu cotidiano, desde o processo de ensino e aprendizagem com professores e alunos, aos processos de socialização entre professores que anunciam uma dinâmica cultural particular da instituição. A escola é considerada como uma organização que expressa uma cultura própria nos modos de interpretar os acontecimentos que surgem. Essa cultura faz parte da dinâmica do funcionamento da escola, e as ideias, os hábitos e as representações que os professores carregam e compartilham são o que comunicam nos seus modos de pensar, de perceber e de desenvolver suas práticas.

Segundo Faria Filho et alii (2004), as pesquisas demonstram que os praticantes da cultura escolar desenvolvem suas práticas com base no lugar e na posição que ocupam no interior de um sistema de forças assimétricas. O objetivo das práticas, segundo os autores já apresentados, é produzir, além de prescrições a serem seguidas, lugares hierárquicos de poder e de saber, voltados para a prática dos docentes, com a intenção de produzir sujeitos que identifiquem e se adaptem ao sistema.

A literatura aqui explorada sinaliza a cultura como uma forma de expressão da vida e do agir das pessoas, e, assim, constitui um conjunto de significados e de representações da sua vivência em sociedade, construídos e partilhados nas interações

sociais, o que implica o modo como o sujeito pensa e percebe as situações que ocorrem em seu cotidiano. Ao socializar conhecimentos, valores e expectativas, ocorre uma dinâmica cultural que possibilita que as pessoas reconstruam suas interpretações sobre a realidade e, ao mesmo tempo em que transformam a cultura, também são transformadas por ela.

No cotidiano escolar, a dinâmica não é diferente, pois os professores interagem através de suas crenças, experiências e referências culturais, as quais podem produzir uma forma social de perceber os acontecimentos, nesse caso, a indisciplina. É nesse ambiente que presenciamos cenas que sinalizam que a escola se transforma num campo de batalha entre os valores trazidos pelos alunos da sociedade em geral contra os valores que os professores tentam inculcar na formação do aluno. Nesse caso, o currículo é parte da cultura escolar, que, de acordo com Moreira e Candau (2007), é um campo de conflitos que tenta impor uma definição particular de cultura com seu conteúdo, favorecendo um determinado grupo, o que o torna um território de conflitos e de competições em torno dos significados produzidos e reproduzidos culturalmente.

A cultura da escola, ao estabelecer o currículo estático como conhecimento, expressa um conjunto de regras e de normas que são impostas aos alunos, o que pode sinalizar uma possível negociação do que é imposto a eles, como ocorre com as expressões denominadas como indisciplina. Essa negociação pode não ser bem interpretada na escola e que, ao invés de ocorrer uma negociação de normas de disciplina, pode ocorrer uma imposição delas.

É necessário viabilizar condições da disciplina em sala de aula, pois essa disciplina necessita do consentimento por parte dos alunos e dos professores. Nesse contexto, o currículo, que é a escola e sua cultura, estaria exercendo a sua função, que é inserir os alunos na construção das normas como também do saber. Como a cultura escolar determina sem negociação as funções que cada um deve cumprir no cotidiano escolar, então a disciplina é percebida pelos alunos como uma imposição não legítima, enquanto que a indisciplina é percebida pela escola (pelos professores) como um comportamento ilegítimo dos alunos.

Uma reflexão sobre o currículo escolar

A discussão até aqui apresentada neste texto aborda um currículo que pode ser um articulador de transformações no cotidiano escolar ou um instrumento de regulação através das práticas pedagógicas, contribuindo para o

surgimento da indisciplina, considerada, neste trabalho, como conjunto de insatisfações manifestadas por parte dos alunos em relação à organização curricular.

A impressão que temos é que a escola não consegue assimilar os valores, os comportamentos e as atitudes que não os hegemonicamente dominantes, isso assim acontecendo regularmente devido às rígidas estruturas curriculares. Dessa forma, a instituição escolar considera as diferenças e os comportamentos divergentes aos padrões estabelecidos como posturas indisciplinadas (Barbosa, Xavier, 2002). As autoras ainda alertam para a questão de um currículo como um conjunto de saberes relacionados com a cultura que, devido às estruturas rígidas, não considera determinadas posturas construídas culturalmente.

As atitudes e os valores que fazem parte da seleção cultural da nossa sociedade não incluem e não admitem, nos espaços escolares, certas posturas que fazem parte da cultura, como, por exemplo, a irreverência. A irreverência pode até ser considerada parte da cultura, porém não faz parte do currículo trabalhado, sendo considerada uma expressão de indisciplina pela instituição escolar. A irreverência é produzida e reproduzida socialmente, por fazer parte da nossa cultura ou da cultura dos alunos, entretanto, na escola ela não pode ser manifestada. Nesse caso, os alunos se utilizam dela em oposição às estruturas rígidas da cultura escolar – cultura escolar que trabalha por meio de punições com o objetivo de tornar os alunos submissos, seja como alunos, seja como cidadãos.

Garcia (1999) reforça o ato de superar a noção arcaica da indisciplina restrita à dimensão comportamental, visando associá-la com o período histórico desta virada de século, como também visando refletir sobre a desigualdade de critérios e de expectativas assumidos pela escola, que é diferente do que os alunos, em sua maioria, apresentam. Por isso, precisamos refletir sobre as expectativas da escola em consenso com as dos alunos, perseguindo aquelas que estejam apoiadas em bases democráticas e que atendam às necessidades de toda a comunidade escolar.

O currículo, quando estático e fechado, exerce como função o controle social, cumprindo o papel de reprodutor social ao contribuir para a regulação daqueles que estão sob suas orientações, neste caso os professores, os quais não conseguem refletir sobre os objetivos e sobre as estratégias contidas nele, legitimando a reprodução social ao trabalhar com os alunos sem questionar os conteúdos de forma crítica (REBELO, 2002).

Garcia (1999) ainda discute a concepção de algumas escolas que não apresentam problemas com a indisciplina. Afirma que essas escolas

conjugam uma política de valorização da aprendizagem ao criticarem as condições que a inibem, ressaltando a importância de compartilhar e de comunicar aos alunos as expectativas sobre suas potencialidades, demonstrando que eles necessitam assumir suas próprias responsabilidades junto à escola.

Na relação do currículo com a indisciplina, o currículo formal é estático, gerando, dessa forma, resistências por parte dos alunos quando não participam dos trabalhos escolares. Essas resistências, por sua vez, são interpretadas pelos professores como expressões de indisciplina. A ausência de um currículo flexível e aberto às experiências dos alunos com a cultura trabalhada nas relações escolares pode implicar um não cumprimento por parte dos alunos nos projetos escolares, o que expressa uma indisciplina validada e relacionada com o currículo estabelecido.

No contexto escolar, os professores demonstram uma grande preocupação com a questão da indisciplina comportamental, deixando de lado a indisciplina relacionada à aprendizagem, em que os alunos negam as oportunidades dadas pela escola. Ao enfatizar a questão comportamental, os professores podem priorizar medidas de controle e punição, deixando de repensar suas atividades e o próprio currículo escolar.

Considerações finais

Nas situações apresentadas, a indisciplina manifestada pelos alunos pode sinalizar um conjunto de insatisfações em aceitar certas práticas que defendem a uniformidade presente na escola, como também pode sinalizar a dificuldade da instituição em administrar os conflitos que decorrem de ações na esfera de uma convivência, dita pelos profissionais da educação, como democrática, embora não seja.

No cenário educacional, o saber produzido ou transmitido pela escola carece, efetivamente, de cultivar teorias e desenvolver práticas abertas, racionais, críticas e reflexivas que venham a subsidiar as diretrizes curriculares voltadas para a construção de uma identidade que valorize as experiências dos alunos e não os exclua do processo de aprendizagem. A cultura escolar necessita considerar a construção de um projeto em que todos os envolvidos da comunidade educativa sejam representados, com o objetivo de discutir novas propostas que atendam às necessidades de acordo com a realidade educacional de cada escola.

Convém mencionar a necessidade de uma reflexão acerca de um currículo flexível, com práticas alternativas que contribuam para o

desenvolvimento da autonomia nos alunos, por meio de aprendizagens significativas e integradas, por meio de questões que sejam relevantes para todos. O currículo flexível e não estático pode auxiliar na diminuição da indisciplina escolar, especialmente quando esta se restringe à resistência e às insatisfações dos alunos com o currículo fechado que não atende a suas experiências culturais.

No âmbito educacional, a ação pedagógica é a ação sobre um indivíduo, ou seja, significa uma atividade de interação entre seres sociais que oportunizam uma situação de aprender e ensinar, situação em que ocorre a transferência do saber cultural de uma geração para outra. Entendemos que a educação é um ato político e o ato de educar deve ser entendido, nas relações sociais, como uma atividade humana inserida na totalidade de uma organização social, a qual necessita repensar as diretrizes curriculares como uma das questões que implicam diretamente as situações de indisciplina no contexto escolar.

Referências Bibliográficas

- APPLE, M. W. Repensando ideologia e política. In: MOREIRA, A. F.; SILVA, T. T. *Currículo, cultura e sociedade*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995. p. 39-58.
- BARBOSA, M. C. S.; XAVIER, M. L. M. Os primeiros estudos. In: XAVIER, M. L. (Org.). *Disciplina na escola: enfrentamentos e reflexões*. Porto Alegre, RS: Mediação, 2002.
- ESTRELA, M. T. *Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula*. 3. ed. Porto: Editora Porto, 1992.
- FARIA FILHO, L. M. et alii. A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 139-159, jan./abr. 2004.
- GARCIA, J. *Indisciplina na escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva*. p. 101-108.1999. Disponível em: <http://www.pr.gov.br/ipardes/publicações/revista_pr_95.htm-7K>. Acesso em: 13 set. 2004.
- GARCIA, J. A construção social da indisciplina na escola. In: SEMINÁRIO DE INDISCIPLINA NA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA, 1., Curitiba. *Atas*. Curitiba: UTP, 2005, p. 87-93.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidade e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- MOREIRA, A. F. B.; CANDAU, V. M. *Indagações sobre currículo, conhecimento e cultura*. Brasília, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.
- PEDRA, J. A. *Currículo, conhecimento e suas representações*. São Paulo: Papirus, 1997.
- REBELO, R. A. *Indisciplina escolar: causas e sujeitos*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- SACRISTÁN, J. G. *O currículo: uma reflexão sobre a prática*. 3. ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2000.
- SILVA, T. T. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 2. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2004.
- _____. Currículo e identidade social: territórios contestados. In: SILVA, T. T. (Org.). *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais*. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. p. 190-2007.
- TARDIF, M. *Saberes docentes e formação profissional*. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

Sobre as autoras:

Anderléia Sotoriva Damke: Pedagoga. Professora Mestre em Educação pela Universidade Tuiuti do Paraná. Coordenadora de Estágio da Faculdade Sul Brasil (Fasul – Toledo). E-mail: sotodamke@yahoo.com.br.

Lígia Wilhelms Eras Socióloga. Doutoranda em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Bolsista Reuni. E-mail: ligiaweras@hotmail.com.

Ingrid Simon: Advogada. Professora Mestre em Educação pela Universidade Tuiuti do Paraná. Coordenadora adjunta do Curso de Direito da Faculdade de Pato Branco (Fadep). E-mail: ingrid@fadep.br.